

APONTAMENTOS A RESPEITO DA FILOSOFIA NA ESCOLA

SOME NOTES ON THE PHILOSOPHY AT SCHOOL

Vilmar Malacarne¹

RESUMO: O presente artigo apresenta alguns apontamentos a respeito do papel da Filosofia na formação escolar. Traz elementos a respeito de sua contribuição na escola de ensino fundamental, médio e superior, principalmente discutindo o papel da formação humana associada a formação técnica. As contribuições da Filosofia na construção do conhecimento são inegáveis, inclusive quando se trata da produção do conhecimento científico, tão exaltado na contemporaneidade. Paralelo ao mundo da Ciência, o homem continua a buscar respostas a respeito da vida e de seu sentido. A Filosofia faz da busca por respostas frente ao “espanto” do homem com o mundo seu objeto de trabalho. Neste sentido seu papel na formação escolar está revestido de profundo e inegável valor sendo, porém, em muitos casos, escamoteada para que a Ciência seja entendida como capaz de trazer a resposta para todas as coisas que nos permitam viver melhor e mais felizes. No embate entre a perspectiva cientificista e humanista é que este trabalho busca seu assento apresentando a Filosofia e suas contribuições na formação escolar.

PALAVRAS-CHAVE: FILOSOFIA; ESCOLA; ENSINO.

ABSTRACT: This paper presents some notes on the role of Philosophy in the school education. It brings some elements about the contribution of Philosophy to the primary, secondary and higher education, and focuses on the role of humanistic education in relation to technical education. The contributions of Philosophy to the construction of knowledge are unquestionable, even when the school deals with the production of scientific knowledge, highly valued in the contemporary society. Parallely to the world of Science, man continues to search for answers about life and its meaning, and the object of Philosophy is to deal with this search for answers concerning man’s “amazement” towards the world. In this sense, the role of Philosophy in the school education is of the highest importance; however, it is often concealed for the sake of Science, understood as the only possibility to obtain the answers to all the questions in order to provide us a better and happier life. This paper is therefore based on the conflict between the scientific and humanistic perspectives and presents the contributions of Philosophy to school education.

KEY-WORDS: Philosophy; School; Teaching.

1 Professor da Unioeste e membro do Grupo de Pesquisa em Formação de Professores de Ciências e Matemática – Mala@unioeste.br – Doutor em Educação

INTRODUÇÃO

São conhecidas na educação as dificuldades que a Filosofia encontra para se afirmar e ser reconhecida como área do conhecimento com igual importância e prestígio em comparação com as áreas comumente presentes nos currículos da escola básica e no ensino superior. Estas dificuldades de afirmação se devem a vários aspectos, como exemplos: os problemas na formação do professor de Filosofia, e que frequentemente falha no seu objetivo de ensinar, falseando assim os objetivos e a importância de seus conhecimentos para a escola; o fazer próprio de sala de aula que, ao procurar conduzir o aluno à discussão com vistas a um pensamento que busca ser livre e profundo, enfrenta a resistência de setores da escola que mantêm o modelo de ensino a ser aplicado nestas mesmas escolas e que, desta forma, desclassifica-a enquanto conhecimento aplicável e necessário; o modelo de profissional que é desejado em cada momento histórico, o qual, hoje, busca um profissional adaptável a quaisquer circunstâncias, porém circunstâncias estas muito mais voltadas à técnica do que a cidadania.

Diante deste quadro, é mais do que necessário que se busque compreender qual é realmente o papel destinado à Filosofia junto à escola na atualidade e se este papel ainda se sustenta enquanto necessidade e espaço curricular.

Hoje, assim como em outros momentos, a escola passa por questionamento sobre seu fazer de formação, é, então, justo que se discuta o papel da Filosofia pois, mais do que outras áreas, dado o seu objeto de pesquisa que é de colocar o próprio pensamento em discussão, ela se preocupa com a formação humanizada dos indivíduos. Neste sentido, para ajudar a responder aos questionamentos que recaem por sobre a escola, dentre os quais se destaca o da profunda dificuldade de preparação para a vida, a Filosofia, com suas preocupações também de caráter existencial, ou seja, de perguntar exatamente sobre as coisas próprias da existência concreta dos homens, precisa ser resgatada e inserida nesta discussão.

Neste contexto a Filosofia surge como instância que necessita e pode estar presente, colocando suas ferramentas de conhecimento a disposição, como forma de pensar de forma

mais profunda o processo educacional em seu conjunto, rompendo assim com discussões setorializadas e de interesses nem sempre explícitos. Deste modo não é apenas a escola que precisa ser rediscutida, mas é o ser humano que necessita ser resgatado e recolocado no centro real das preocupações.

Nesta discussão, se a Filosofia busca rigor e profundidade em suas reflexões, a primeira grande tarefa reservada a ela em nosso tempo é a de romper, elevando a patamares de maior compreensão, a lógica do senso comum. Sem desprezá-lo, pois a maior parte das pessoas é, em muitos aspectos, movida por conhecimentos espontâneos e que brotam do cotidiano da vida de cada um, ele, contudo, nos induz mais facilmente ao erro e, o que é pior, nos torna alvo fácil da ideologia. Entendemos aqui por ideologia, a partir da sistematização feita por Löwy do pensamento de Karl Mannheim, como sendo

O conjunto das concepções, idéias, representações, teorias, que se orientam para a estabilização, ou legitimação, ou reprodução, da ordem estabelecida. São todas aquelas doutrinas que têm um certo caráter conservador no sentido amplo da palavra, isto é, consciente ou inconscientemente, voluntária ou involuntariamente, servem à manutenção da ordem estabelecida. (Löwy: 1993, p. 13)

Sendo assim, contribuir para que o conhecimento, em suas raízes, seja elevado a cada instante e se torne acessível a todos, se coloca como a grande tarefa, mesmo que própria para o mitológico Sisifo, para a Filosofia, e não apenas para ela, mas também para as outras áreas do conhecimento.

Se as demais áreas do conhecimento se desprenderam da Filosofia com o passar do tempo, ela, como uma espécie de genitora, está na raiz destas ciências. Cabe a ela, neste aspecto, estar na espreita observando, e não fiscalizando, os caminhos das ciências, com vistas a investigar os fundamentos nos quais estão alicerçados estes conhecimentos, trazendo sempre à luz a questão do homem enquanto fim último de toda a Ciência. Neste sentido, trazer para a discussão conceitos, métodos e conclusões é uma das constantes da Filosofia na sua relação com as demais ciências.

Com a fragmentação da Ciência em inúmeras especialidades que, por um lado, permite

o conhecimento mais rápido de cada parte de um todo, por outro, pulveriza o próprio conhecimento, mais do que justo que se discuta seu papel na sociedade contemporânea. Como diz o enunciado de Pitigrilli “o especialista é aquele que sabe tanto de uma parte, até saber tudo de nada” (Apud Aranha e Martins: 1993. p. 133) . Neste viés, à Filosofia tem restado a tarefa de reaproximar áreas do conhecimento próximas, por um lado, e afastadas por outro, com vistas a que não se perca o horizonte de conjunto e a interpenetração do conhecimento para compreensão deste todo.

Para romper com a impessoalidade da Ciência e com seu rigor científico, que tende a colocar todos os homens num mesmo patamar, a Filosofia também procura resgatar as questões de ordem subjetiva, rompendo também com o mito da neutralidade científica, e mesmo filosófica, recolocando no centro o homem real, com seus desejos, sua sensibilidade, seu encantamento, sua finitude, sua dor. Assim sendo, ao questionar a Ciência, a Filosofia questiona o destino das descobertas científicas, as consequências das novas técnicas para o mundo, além dos laboratórios; novamente é o homem e sua existência que estão na mesa de discussão e não objetos inanimados.

Nesta perspectiva, cabe (também) a Filosofia, a tarefa de perguntar, não o mero perguntar pelo simples prazer de se fazer notar, mas o perguntar instigante que leva o conhecimento a rever posicionamentos, buscando avançar de forma consciente e humanizada. Ao perguntar, a Filosofia não deseja dar a melhor resposta, como uma mãe que ordena ao filho, mas apenas contribuir para a retomada do conhecimento que é, por fim, do homem pelo homem. Ao perguntar, a Filosofia deseja recolocar o homem no centro do mundo, no centro das preocupações e, por conseguinte, discutir todo o processo que o cerca. E, nesta tarefa, a Filosofia se sustenta enquanto área do conhecimento que deveria estar presente em todas as fases do conhecimento humano.

A FILOSOFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

No Brasil, a perspectiva de inserir a Filosofia no ensino fundamental, não tem galgado grandes êxitos, quer por parte dos professores de Filosofia que, ainda em pequeno número,

não se dedicam tanto a pesquisar ou a ensinar Filosofia para crianças; quer por parte das escolas, que não abrem espaços em seus currículos por desconhecerem ou por não acreditarem na proposta; quer por parte do Estado, que possui uma visão geralmente conservadora do ensino fundamental; ou até mesmo por parte da sociedade, na figura dos pais, que, na lógica utilitarista, não acreditam que a Filosofia possa trazer resultados úteis para seus filhos. Neste quadro, a Filosofia não consegue grandes espaços para se efetivar.

Há, contudo, uma área de pesquisa (denominada Filosofia para crianças) que a décadas se dedica a trabalhar a reflexão filosófica com crianças, chegando ao Brasil fortemente a partir de 1985 com as obras de Matthew Lipman. Nesta tarefa, os embates com a educação tradicional ainda são uma constante. Mesmo já tendo claro que a tarefa do educador nos dias de hoje é muito mais de orientação, com vistas a preparar o aluno a buscar as informações que lhe são necessárias a cada momento, para que possa processá-las de forma a superar cada circunstância, e menos a de transmitir os conhecimentos de formas descontextualizadas, a educação tem dificuldades de absorver modelos que coloquem de fato a criança no centro das atenções. O princípio da autoridade ainda é muito presente na escola, mesmo que em certos momentos o professor não tenha outras opções, já que a sociedade também falha principalmente com aspectos anteriores a escola, e, nesse sentido, inserir disciplinas ou sistemáticas que levem a criança ao questionamento, para além do conteudístico, encontra resistências.

Pensar na inserção da Filosofia na escola fundamental é, na verdade, estar disposto a romper com a tradição da transmissão de conteúdos que, por vezes, não interessam de fato às crianças e, efetivamente, também não serão necessários para o caminho que as mesmas irão percorrer no mundo de transformações diárias onde as realidades ainda não são sequer conhecidas. É, também, estar disposto a olhar para as crianças vendo nelas não adultos em miniatura, mas crianças que são capazes de, quando valorizadas, refletir com vistas a ter idéias próprias e, o que é melhor, com um grau de compreensão suficiente para se afirmarem e representarem um olhar concreto para a realidade. É, por fim, querer de fato que o adulto do amanhã seja alguém que não apenas lute pela liberdade, com vistas à felicidade, mas que tenha condições de, a atingindo, ser capaz de percebê-la e usufruí-la, de forma plena e com

uma personalidade que lhe seja própria.

As influências externas, principalmente as ideologizadas e que hoje fazem uso da mídia como transmissor eficiente de seus interesses, tem constituído um perfil de caráter quase que geral. É como se fossemos todos iguais, devêssemos gostar das mesmas coisas, termos os mesmos valores, adorarmos os mesmos ídolos, enfim, sermos conforme queiram que sejamos quando, ao contrário, somos diferentes e precisamos ser diferentes, pois é na soma das diferenças que cresce uma geração, toda uma sociedade.

Para que se consiga manter a lógica da formação de personalidades que desejam ser legítimas, resultante das experiências de cada um e não fruto de maciças doses da mesma informação, nada mais eficiente que permitir que o caráter crítico aflore e seja alimentado desde a infância. A capacidade de buscar sempre o “outro lado da moeda” não nasce “do dia para a noite” ela é fruto de um trabalho profundo de “aguçar o olhar” e isso requer tempo, aprendizado, persistência. Ao se deixar para a universidade a tarefa do ensinar a pensar, provavelmente não haverá o mesmo êxito, dado que o jovem, ao chegar na educação superior, já carrega muitas das marcas que lhe servirão de guia para o resto da vida e, para superá-las, já não há as mesmas facilidades como quando era mais jovem e aberto ao novo.

A FILOSOFIA PARA CRIANÇAS

A proposta de uma “filosofia para crianças”, já enquanto uma expressão, foi cunhada por Matthew Lipman na década de 1960. Esta proposta, sistematicamente organizada, pretendia levar às crianças as práticas da Filosofia, o jeito filosófico de trabalhar e buscar a reflexão profunda e criteriosa. Mesmo com os limites impostos, quando falamos de crianças, a proposta é permitir, desde cedo, que a reflexão, sob este ponto de vista, faça parte constitutiva da formação dos jovens.

Na história da educação, para as crianças, sempre foram definidos os mais diversos *status* quando se fala de formação. De tábuas rasas a adultos em miniaturas, imaginou-se muitas formas de inseri-los no processo educativo. Dentre estas perspectivas, e com um novo olhar, a Filosofia para criança, se coloca como uma extraordinária chance de olhar para a educação

buscando novos horizontes.

Mas, de fato, é possível ensinar Filosofia para crianças? O que e como ensinar? Uma criança consegue aprender a filosofar?

A proposta da Filosofia para crianças é propiciar a estas a oportunidade do contato com o exercício e com o diálogo da Filosofia, buscando uma formação crítica e racional do mundo. Rompendo com tradições que apregoavam que a Filosofia era apenas para os filósofos, defende-se que é necessário o reconhecimento da necessidade de que o pensar institui o caminho para a própria construção de uma personalidade que se deseja livre e auto-construída.

Para Lipman o pensar de ordem superior, objeto final da busca de uma educação filosófica, que necessita ser iniciada já na infância, caracteriza-se por “(...) inclinar-se para a complexidade”, já que rompe com formulações apressadas e simplificadas, “(...) tende a demonstrar unidade, isto é, integridade e coerência”, pois busca aglutinar e não simplesmente descartar a diversidade; “(...) está preparado para ser compelido pelas provas”, pois trata das coisas do mundo e não apenas de si mesmo, “(...) tende a buscar a inteligibilidade”, o significado em sentido mais complexo para o indivíduo; “(...) tende a demonstrar uma intensidade qualitativa”, quando busca qualificar a própria qualidade do pensamento em sua intensidade, “(...) geralmente exhibe uma abrangência de objetivos possuindo uma ampla escala de aplicabilidade”, pois se apresenta visando servir e abarcar o conjunto da reflexão que se apresenta, servindo assim para uma compreensão para além do objeto. (Lipman: 1995, p.143-144). E, esta construção, precisa ser estimulada já na sala de aula, não apenas pela Filosofia, mas tendo na Filosofia seu principal amparo, pois é nela que o foco central é o raciocínio profundo e permanente sobre o instituído, sobre a existência que deseja a totalidade, diferente, mas não menos importante, dos cortes a que se propõe a Ciência em especialização.

Para almejar o êxito desejado, a criança é colocada em um ambiente onde o perguntar e o discutir são a base do conhecimento e não a memorização, que subjaz ao modelo de Ciência que, apesar de ainda preponderante, precisa e busca ser superado. Estando em uma fase de descobertas e rodeados por conceitos como justiça, verdade, liberdade, beleza, etc., as

crianças tendem a se envolver na busca pela clareza destes conceitos, que as colocarão no mundo dos debates dos adultos. A cada nova visão apresentada, observada a sensibilidade do professor, novos ângulos vão formando o conceito próprio em seu entendimento e, assim, no processo de também opinar, a criança se envolve, aprende, ensina e, principalmente, constrói os alicerces da criticidade que a acompanhará na vida adulta. A lógica de não incutir uma idéia mas propiciar a própria estruturação da idéia é o que atrai a criança e, desta forma, propicia o êxito da tarefa. Ao trabalhar na lógica da discussão, o princípio da investigação em comunidade, portanto a própria socialização, adquire outra direção que não seja a do ego e da ideologia, formando bases para a reflexão política que encontra na razão os motivadores.

Quando busca não perder de vista o espanto, o maravilhar-se com o mundo, próprio da criança, a Filosofia se coloca como auxiliar na busca profunda desta reflexão sobre o mundo. Nesta busca “(...) os significados devem ser procurados, cuidados e alimentados através do envolvimento em diálogo e investigação. Eles precisam ser adquiridos, captados, e não dados, transmitidos” (Muraro apud Piovesan, et. al. 2002, p.596). Neste sentido, a prática dialógica da Filosofia instiga a busca pela significância de questões que a vida, principalmente da criança que descobre o mundo, impõem. Da disposição do conhecimento histórico, a criança aprende também a lidar com o passado como fonte de conhecimento, valorização e incentivo na construção do próprio caminho.

Se o objetivo final da educação é sempre a cidadania, e se ela se edifica no princípio de fazer-se sujeito, sob a égide da democracia que, como diz Morin, constitui-se de “um sistema político complexo, no sentido de que vive de pluralidades, concorrências e antagonismos, permanecendo como comunidade” (Morin: 2002, p. 108), é preciso uma formação crítica. Nesta perspectiva, se quisermos que os jovens, já a partir da infância,

(...) conduzam seus pensamentos de uma maneira responsável, se desejamos que pense por si próprios, devemos, então, criar condições para que se apropriem dos valores do processo educacional como seus, do mesmo modo que devem apropriar-se dos valores do processo democrático se sua intenção é viver de acordo com este processo (Lipman: 1995, p.15).

E, nesta intenção, é que se apresenta a educação para o pensar, como uma das

principais justificativas para a inserção da Filosofia (já) com crianças.

A CRIANÇA QUE FILOSOFIA

Na discussão a respeito da Filosofia para crianças uma das questões que devem ser feitas está voltada para a utilidade de seus conhecimentos: A Filosofia é útil a ponto de ser adicionada ao cabedal de conhecimentos importantes na formação das crianças?

Para responder a essa pergunta, em primeiro lugar, há que se responder a pergunta pela utilidade das coisas. O que é algo útil? Qual o conceito de utilidade que temos? Utilidade, em nosso tempo, logo nos remete a perspectiva da prática, de algo do qual podemos nos servir de imediato na resolução de problemas. Neste sentido, e no aspecto pragmático da vida, útil é apenas o produto que permite a solução de qualquer problema que surja em nossas vidas, principalmente aqueles de ordem eminente ou para aqueles que já de antemão sabemos que nos será utilizável. Para tanto, a técnica e as ciências geralmente “dão conta do recado”, principalmente quando a tecnologia vem associada. E a Filosofia? Nesta perspectiva a Filosofia é inútil, pois apenas elabora e procura entender conceitos visando desnudar a realidade que, mesmo encoberta, permite que se viva e, de certa forma, até mesmo feliz, uma vez que felicidade e conhecimento não estão necessariamente associados.

Nos diz Chauí:

Qual seria, então, a utilidade da Filosofia?

Se abandonar a ingenuidade e os preconceitos do senso comum for útil; se não se deixar guiar pela submissão às idéias dominantes e aos poderes estabelecidos for útil; se buscar compreender a significação do mundo, da cultura, da história for útil; se conhecer o sentido das criações humanas nas artes, nas ciências e na política for útil; se dar a cada um de nós e à nossa sociedade os meios para serem conscientes de si e de suas ações numa prática que deseja a liberdade e felicidade para todos for útil, então podemos dizer que a Filosofia é o mais útil de todas os saberes de que os seres humanos são capazes. (CHAUI, 1998, p. 18)

Mesmo assim, para que ensinar Filosofia para crianças?

Lipman nos ajuda a responder a essa pergunta dizendo: “Já foi demonstrado que as

crianças que são ensinadas a raciocinar através da Filosofia apresentam uma melhoria no raciocínio de 80% maior que crianças que não foram expostas à Filosofia” (Lipman: 1995, p. 50). E, complementa, “três anos de melhoria em um ritmo semelhante será mais do que o suficiente para fornecer às crianças uma caixa de ferramentas de raciocínio que poderia ser utilizada tanto na escola quando em situações fora da escola” (Idem. p.50).

A Filosofia, quando aplicada na formação da criança, permite a ela uma perspectiva de concatenação de idéias aplicada a prática, e aqui então, talvez, se encontre o sentido da utilidade prática da Filosofia, sob a forma de compreensão da realidade, colocando-a não mais como mera espectadora desta realidade, mas como sujeito da mesma. O domínio dos conceitos permite à criança questionar não apenas as coisas que se apresentam a ela sob a forma de problemas, mas também visualizar aquilo que está para além do fenômeno e que se esconde na ideologia ou no poder.

A criança que filosofa tende a ser atenta e a buscar a informação que lhe permita um conhecimento aprofundado e pessoal, tornando-se assim apta a questionar as pré-concepções e a lidar com o desconhecido que, com uma sociedade multicultural e da informação, se apresenta. Soma-se a isso o aspecto de fortalecimento da personalidade e que, em indivíduos que conseguem compreender e interagir com a realidade, no domínio do processo de formulação de conceitos e de questionamentos, permite lidar com o mundo da política e da democracia. A criança que consegue expor com clareza suas idéias é, nesse sentido, propensa a desenvolver melhor habilidades e conquistar espaços em seu meio.

A criança, na prática da Filosofia, constrói a possibilidade de interagir com o processo de educação pensado para ela, pois, ao pensar em si e nas coisas a sua volta, interfere nos planos colocados, construindo seu próprio plano e sendo sujeito deste.

A criança que filosofa é, enfim, alguém que aprende a querer mais do que o mundo dos fenômenos apresenta para si e para o outro, pois, além da consciência de si, tem também a consciência do outro que, de outra forma, continua apenas a ser o outro.

A FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

Diferentemente do ensino fundamental, no ensino médio, a Filosofia tem encontrado, a duras penas e de forma nem sempre duradoura, seu espaço nos currículos.

O Ensino Médio que, via de regra, pretende uma formação geral, baseia esse processo de formação principalmente nas ciências, desmerecendo, ou ao menos marginalizando, conhecimentos que, quando se busca uma formação verdadeiramente geral, seriam, indubitavelmente, necessários. É comum observar que as disciplinas das humanidades possuem baixa carga horária, espaços dispersos nos currículos e horários pouco “nobres” na distribuição semanal. A Filosofia, por vezes, é vista como uma espécie de ocupante de espaços em branco ou mesmo de momento de folga para alunos entre as disciplinas “importantes” e que possuam “alguma serventia”. Este quadro de descaso, que não é raro no Brasil, pode nos instigar a concluir que a Filosofia, entre outras, não é bem vinda na formação dos jovens do país. Será que é pelo fato de que seu fazer pedagógico é de formação crítica, de busca por uma consciência livre, de ruptura com a ideologia e com o poder instaurado?

Temos, neste sentido, de um lado, o Estado que pouco faz no sentido de por em prática uma educação capaz de abranger, de fato, uma formação mais completa que além da técnica, forme o lado humano dos jovens; de outro lado, temos uma sociedade, principalmente na figura dos pais, que, impregnados de ideologias suspeitas, não se apercebem (talvez nem busquem se aperceber) que a formação de seus filhos não está se dando de forma a prepará-los efetivamente para a cidadania. Somamos a esta situação uma espécie de imobilismo geral que tem travado qualquer tentativa de mudança.

Da parte dos professores de Filosofia, o que temos é, muitas vezes, uma formação inicial deficiente, o que acaba desmotivando tanto ele, professor, quanto o aluno. Neste sentido, nos diz Tomazetti

ao serem indagados sobre sua ação docente, muitos professores de Filosofia que atuam nas escolas do ensino médio de Santa Maria (RS) destacam a dificuldade dos cursos em prepará-los para a docência, e afirmam que se tornaram professores no dia-a-dia de seu trabalho, por tentativa e erro (TOMAZETTI, 2002, p.74).

Quanto aos alunos, nesta fase da adolescência, preocupados geralmente mais com descobertas ligadas ao prazer e ao consumo, ou então, com o vestibular ou qualquer outro tipo

de formação profissional, tendem a não encontrar utilidade para a formação a que se pretende a Filosofia. Descortina-se assim um quadro complexo para a Filosofia que não encontra tradição na escola - é bom lembrarmos que se inserida já na educação fundamental, quando tem início a formação das crianças, na adolescência o salto qualitativo seria importante para dar a ela um caráter de disciplina importante e constitutiva do currículo.

Mesmo quando presente de forma sistemática nos currículos do ensino médio, a Filosofia também tem encontrado dificuldades para ser reconhecida em sua importância. A própria atuação dos professores não contribui para um quadro diferente, pois “nos cursos superiores de Filosofia, com honrosas exceções, não cultivam os espíritos com vocação de educador e desestimulam a dimensão educacional da Filosofia” (Gallo e Kohan: 2000, p. 181). Nesta perspectiva de formar “alunos-pesquisadores”, resta para os “poucos aptos”, ao concluírem seus cursos, o papel de ensinar a Filosofia e, o que é visto com menos prestígio ainda, no ensino médio ou no fundamental.

Com este quadro de desprestígio, de má formação inicial, vale a pena manter a Filosofia no ensino médio? A resposta é afirmativa. Mesmo sendo necessário não perder de vista o constante questionar da própria educação e da escola em especial, indo até as áreas do conhecimento em específico, a Filosofia é importante para a formação característica do ensino médio. Mesmo se debatendo na busca de espaços e *status*, a Filosofia ainda permite aos alunos alguns momentos para pensar o homem, sua existência e o seu meio.

O adolescente, muito mais que a criança, vive em constante conflito. Ao não ser mais criança, não sendo também adulto, está preso em um ambiente de dúvida e da necessidade da afirmação. A Filosofia é, neste momento, não um psicologismo capaz de apaziguar traumas, mas um momento que, quando devidamente absorvido na rotina da escola, oferece ao aluno-adolescente, um momento para refletir sobre as coisas que o cercam e sobre si próprio na sua relação com o outro e com a sociedade.

Ao instigar a consciência e a criatividade, a Filosofia busca, para além das outras áreas do conhecimento, que também podem ser reflexivas, conceitos que irão permear toda a vida do homem. “A Filosofia é uma disciplina criadora, forma conceitos por necessidades de nos situar melhor no espaço-tempo” (Lima apud. Gallo e Kohan: 2000, p.199). E, nesta busca

pelo conceito, que deveria já iniciar na infância, no ensino médio, fixa tanto o seu conhecimento quanto a prática da busca, tornando o adolescente apto a buscar seu próprio caminho reflexivo para além daquilo que o meio lhe impõe. Ainda que a relação Filosofia-consciência crítica não seja linear, ou seja, basta introduzir Filosofia no ensino médio que teremos adolescentes conscientes, a sua contribuição nesta busca é fundamental, pois mais do que as outras disciplinas, ela faz disso seu objeto final de trabalho.

Ao disponibilizar suas ferramentas de reflexão a Filosofia instiga o jovem colocando-o em situações-ambiente que o levam a pensar o homem-no-mundo e assim, mesmo que de forma breve, toma consciência de si e do outro. O sucesso e a continuidade desta prática nestes momentos acaba, no final, sendo escolha do próprio adolescente, porém, ao fazê-lo ele estará já refletindo, talvez com o rigor, conjunto e persistência que a Filosofia buscou lhe ensinar.

O ADOLESCENTE NA ESCOLA

Para além das discussões que envolvem o conceito de adolescente - aqui generalizamos ensino médio e adolescência, apesar de saber que é comum encontrar adultos na sala de aula do ensino médio -, optamos pelo viés do ideal, qual seja, de que neste ciclo do ensino, basicamente se encontram adolescentes, aqui entendidos enquanto aqueles com idade entre 13 e 18 anos.

A grande característica que merece destaque nesta fase está ligada ao amadurecimento sexual, ao desligamento gradual da casa paterna, a escolha profissional e aos distúrbios que envolvem estes três momentos. Insegurança e crise de identidade, que geralmente se disfarçam em comportamentos destoantes em relação ao resto da sociedade, são elementos que tendem a surgir nesta fase, somando-se a dificuldade de afirmação de papéis, muito presente na criança e no adulto.

Com este perfil, o aluno tende a também conflitar com o ensino formal, principalmente com relação aos métodos estáticos de ensino adotados (Coll: 1996, p. 133-139). Conciliar assim os seus desejos e necessidades com os desejos e necessidades da escola,

geralmente é uma tarefa difícil.

Ao conseguir mais liberdade familiar, o adolescente vai em busca de descobertas que nem sempre são compatíveis com a idade ou com a sua formação. Álcool, drogas, violência e sexo são elementos que cada dia mais estão presentes, não apenas nas suas vidas, mas também no meio escolar. Trazer o aluno para a sala de aula, competindo com estruturas que, de forma imediata, não lhe cobram nada e, ao contrário, lhe dão prazer imediato, é uma constante de embate na escola. Mesmo quando a escola busca criar ambientes e circunstâncias mais adequadas para os jovens, o desejo pela descoberta do mundo *in loco*, tende a afastá-los das salas de aulas. Não apenas o ensino público como o ensino privado tem dificuldades de êxitos na formação destes alunos. Ao somar o papel da mídia que, também nesta fase da vida, exerce, nem sempre de forma responsável e adequada, influência com apelos estéticos e de consumo, temos um quadro de conflito, onde a escola nem sempre consegue construir situações atraentes para estes jovens.

Quando em sala de aula, o adolescente freqüentemente tem profundas dificuldades de concentração, independente do perfil da escola ou do professor. Sendo assim, por mais que deseje conhecer e “conquistar o mundo”, tende a considerar-se onipotente e onisciente e, portanto, desconsidera a função do professor. É frase comum dos corredores da escola: “a aula é chata”, “o professor é um saco”, “isso daí não serve para nada”, etc. E, num quadro de salas com muitos alunos, mesmo em muitas escolas particulares, torna-se difícil, até mesmo para os que desejam prestar atenção, compreender as aulas e se motivar pelo algo a mais. Reunindo professores com uma formação deficiente e excesso de aulas a salários ínfimos, sem salas adequadas, apesar das cobranças por um ensino de qualidade, e tem-se um quadro de difícil administração. Conciliar esta realidade às necessidades atuais, que almejam uma educação de qualidade, torna-se uma tarefa a mais para a escola. Trazer a Filosofia para esse meio é, como já frisado anteriormente, outra tarefa complexa.

O adolescente é pura potencialidade e é nesta que a escola aposta. Lidar com os modismos, tentando fazer do conhecimento algo que também deva estar em voga, é o grande objetivo da escola. Sem se digladiar com espíritos intempestivos, a escola precisa juntar forças e estruturar currículos que contemplem uma formação completa, técnica e humana,

pois é com a junção destes olhares que os jovens irão enfrentar o mundo e a si próprios. Se a adolescência é uma fase difícil, mais do que justo que se somem forças, pois o objetivo é, sempre, em última instância, o homem.

A FILOSOFIA NO ENSINO SUPERIOR

A lógica da presença e da ausência da Filosofia no ensino médio também está presente no ensino superior. Para além dos cursos de formação em Filosofia, bacharelados e licenciaturas, e de uma determinada presença nos currículos dos cursos de outras licenciaturas, em especial das humanidades, a Filosofia é quase que ausente. Mesmo que resgatada, em alguns momentos e por poucos alunos em seus trabalhos de pós-graduação, de forma geral, é uma área do conhecimento pouco prestigiada nas universidades.

A mesma lógica que questiona sua utilidade na formação atual, questiona sua validade na formação em nível superior, muito alicerçada nas ciências chamadas duras. Na constituição dos currículos dos cursos, a especificidade, própria da lógica da especialização, não permite que se olhe muito além do objeto que é foco de estudo nos cursos. Tendo que enfrentar pressões do Estado e do mercado por cursos enxutos e ministrados em tempos cada vez mais exíguos e que abarcar o conhecimento que se alastra na própria área do conhecimento, resta pouco espaço para os cursos ampliarem a formação, ampliando o leque de conhecimentos com outras áreas. Somando a isso, o próprio desconhecimento sobre o papel da Filosofia nas demais áreas de formação, próprio de professores formados na mesma lógica que a afastou das salas de aula, é outro ponto a ser observado.

O enfrentamento interno nos cursos, com vistas a espaços desejados para cada disciplina que, via de regra, é visto pelo professor como sendo, quando se trata da sua disciplina, insubstituível e de fundamental importância a ponto de afirmarem necessitar uma carga horária maior, se coloca como mais um empecilho para que espaços na grade curricular possam ser pensados para a presença da Filosofia.

Na lógica da ruptura, as áreas do conhecimento, em sua maioria, mesmo as que tiveram na Filosofia seu berço, romperam com ela, remetendo-a a esferas secundárias do

conhecimento. Na lógica tecnicista, o que não produz objetos concretos, não tem serventia para uma sociedade calcada no consumo de produtos ou de modismos variados. Para que ensinar Filosofia para áreas que não são de formação humanística, questionam esses. Para se construir objetos o que importa é a técnica e não a Filosofia, afirmam. Para ajudá-los a responder a estas questões poderíamos ir a Deleuze que, em um brevíssimo porém instigante texto, relata a experiência da Universidade de Vincennes e, cujo título do artigo é, sugestivamente: “Em que a Filosofia pode servir a Matemáticos, ou mesmo a Músicos: mesmo e sobretudo quando ela não fala de música ou de matemática”. Diz ele

A Filosofia lhes ensinará, não em função de um grau de conhecimento que eles possuiriam neste tipo de saber, mesmo quando se trata de um grau zero de iniciação, mas em função direta de uma preocupação, ou seja, das outras matérias ou materiais dos quais eles têm já um certo domínio. (Deleuze: 2002, p.225-226).

E, diz mais,

O ensino da Filosofia orienta-se, assim, diretamente, pela questão de saber em quê a Filosofia pode servir a matemáticos, ou a músicos, etc.-mesmo, e sobretudo, quando ela não fale de música ou de matemática. Um tal ensino não é absolutamente um ensino de cultura geral, ele é pragmático e experimental, sempre fora dele mesmo, precisamente porque os ouvintes são levados a intervir em função de suas necessidades ou abordagens (Idem. p. 226).

Mesmo na especificidade da proposta de Vincennes, a reflexão se transporta para o problema da formação hermética própria da formação científica da contemporaneidade.

O afastamento, pois, da Filosofia dos currículos dos cursos de formação não-humanística, representa, de um lado, o próprio momento por que passam as universidades, suficientemente concentradas em suas tarefas mais imediatas e, portanto, pouco envolvidas em debates internos, voltados a repensar o seu próprio fazer pedagógico e a própria cultura, como relata Snow em sua obra “As Duas Culturas” (1995), que afastou as áreas do conhecimento nos tornando sábios-ignorantes que compreendem determinado conhecimento, mas que perderam a capacidade de olhá-lo na perspectiva de conjunto.

O resgate deste debate é a condição para o retorno de uma perspectiva de reaproximação dos diversos olhares por sobre o mundo e as coisas no mundo onde, novamente, o homem concreto é o centro primeiro das atenções. Uma formação voltada mais para o homem, enquanto alguém que busca acima de tudo a liberdade e a felicidade, mesmo nas áreas profundamente técnicas, permitiria que as conseqüências de uma técnica mal empregada pudessem ser minimizadas, uma vez que a consciência deste homem estaria mais presente na sua concepção do objeto.

A presença das humanidades na universidade, para além de seus próprios cursos de graduação, surge como uma necessidade, onde a fala do sujeito homem precisa ser, como sempre, o projeto final. Uma formação técnica, de fato nos facilita a vida, nos dá melhores condições de sobrevivência momentânea, porém, por outro lado, nos torna insensíveis ao outro e, no resgate deste outro é que o diálogo das “duas culturas” de Snow, encontra seu sempre presente alento.

Quando falamos de ensino superior e de livre pensar, aparentemente as coisas deveriam estar muito próximas, porém a realidade é muito diferente. Presa a conceitos e a modelos, muitas vezes herméticos em si mesmos, a universidade não tem buscado o livre pensar. Mesmo quando faz Ciência, se prende aos paradigmas desta Ciência e se fecha para o restante do conhecimento. Quando estuda as humanidades, também se fecha, principalmente quando acuada pelo modelo científico hoje preponderante.

Assim, a construção do livre pensar, que permitiria sobrepujar, pelo menos em parte a ideologia vigente, precisa de um sobre-esforço em todas as instâncias e segmentos da sociedade. A busca pela aproximação das diversas áreas do conhecimento, numa empreitada comum, é colocada assim, novamente, como urgente. Para a universidade, o resgate de uma ótica de conhecimento mais de conjunto por sobre as coisas do mundo, é condição para uma formação capaz de conduzir os alunos para além da ideologia e para próximo da liberdade. Trazer o livre pensar, aquele que dizia da universidade como um local onde todos os conhecimentos estavam presentes e dialogavam na busca pela verdade é, mais do que uma necessidade, a condição *sine qua non* para o sucesso do conhecimento que se deseja em nível superior.

A Filosofia no ensino superior, neste sentido, precisa ser uma presença cada vez mais constante, pois como outras áreas do conhecimento e, em especial as das humanidades, faz do homem seu objeto central de preocupações. E, na busca do pensar de ordem superior que fala Lipman, a Filosofia é instrumento de fundamental importância e que deve estar presente nos currículos dos cursos que desejam preparar os jovens para além da criação de objetos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

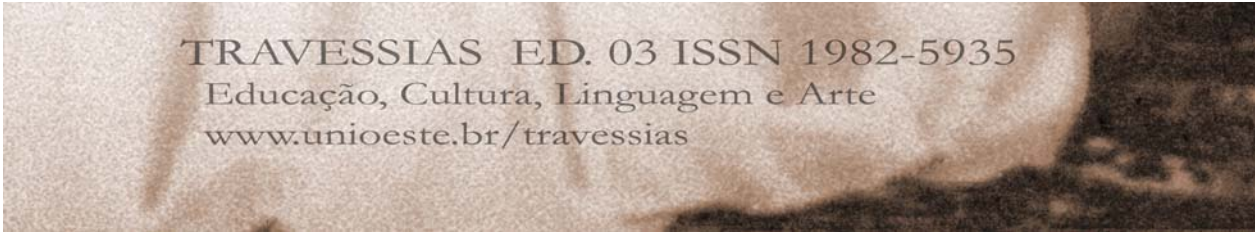
No processo de construção e difusão do conhecimento o papel da Filosofia sempre foi importante. Neste viés, quando na escola, entendida enquanto lugar de onde toma-se o contato primeiro com a produção do mundo dos conhecimentos de uma forma sistemática e intencional, a Filosofia não pode ser desconsiderada enquanto ferramenta capaz de se somar ao conjunto das outras áreas do currículo na efetiva tarefa de repassar estes mesmos conhecimentos. Assim, mais do que justo que qualquer tentativa de inserí-la nas grades curriculares de quaisquer níveis escolares se torna não apenas legítima como determinante para o efetivo sucesso do processo de ensino e de aprendizagem pensado em sua plenitude.

Em cada nível de ensino a Filosofia têm sua contribuição a dar, independente do seu processo próprio de produção de conhecimentos. Ela, como as outras áreas de conhecimento, pode e é capaz de se adaptar as circunstâncias específicas e, desta forma, determinadas críticas a ela levantadas só se sustentam no viés da autonomia de cada sujeito responsável pelo seu ensino o que, diga-se de passagem também vale para as demais áreas ou disciplinas curriculares.

O que se pretendeu neste trabalho foi apresentar algumas das contribuições básicas que a Filosofia pode dar à escola, demonstrando assim que ela não se furta a participar do processo de pensar e efetivar uma escola voltada para a formação dos sujeitos em sua plenitude e no domínio de todas as ferramentas disponíveis na busca da compreensão do mundo e das coisas no mundo com as quais o que se busca é, em última instância a liberdade e a felicidade.

BIBLIOGRAFIA

- ARANHA, M. L. de A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. 2ª ed., São Paulo: Moderna, 1993.
- CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 7º ed., São Paulo: Ática, 1998.
- COLL, C. **Psicologia e Currículo: uma aproximação psicopedagógica à elaboração do currículo escolar**. Trad. Cláudia Schilling. São Paulo: Ática 1996.
- DELEUZE, G. Em quê a filosofia pode servir a matemáticos ou mesmo a músicos: mesmo e sobretudo quando ela não fala de música ou de matemática. Trad. Tomaz Tadeu. IN: **Educação e realidade**, Porto Alegre, nº 27 (2), p.77-87, jul./dez. 2002.
- GALLO, S.; KOHAN, W. O. Crítica de alguns lugares-comuns ao se pensar a Filosofia no Ensino Médio. IN: GALLO, S.; KOHAN, W. O. (orgs) **Filosofia no ensino médio**. 2º ed. Petrópolis: Vozes, 2000, V. VI, p. 174-196.
- LIMA, W. M. Considerações sobre Filosofia no Ensino Básico brasileiro. IN: GALLO, S.; KOHAN, W. O. (orgs) **Filosofia no ensino médio**. 2º ed. Petrópolis: Vozes, 2000, V. VI, p. 197-205
- LIPMAN, M. **O pensar na educação**. Trad. Ann Mary Fighiera Perpétuo. Petrópolis: Vozes, 1995.
- LOWY, M. **Ideologia e ciência social: elementos para uma análise marxista**. 9º ed., São Paulo: Cortez, 1993.
- MURARO, C. Filosofia para crianças – educação para o pensar. IN: PIOVESAN, A., et al. (orgs) **Filosofia e ensino em debate**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2002, p. 593-612.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 6ªed., São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2002.
- PIOVESAN, A., et al. (orgs) **Filosofia e ensino em debate**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2002.
- TOMAZETTI, E. M. Filosofia no Ensino Médio e seu professor: algumas reflexões. IN: **Revista do Centro de Educação da UFSM**. Dossiê: Filosofia e ensino. Santa Maria: Ed. Da FSM, V. 27- nº 02, 2002, p.69-77.
- SNOW, C. P. **As duas culturas e uma segunda leitura: uma visão ampliada das duas**



TRAVESSIAS ED. 03 ISSN 1982-5935
Educação, Cultura, Linguagem e Arte
www.unioeste.br/travessias

culturas e a revolução científica. Trad. Geraldo Gerson de Souza e Renato de Azevedo Rezende Neto. São Paulo: Ed. USP, 1995.